

Punição aos assassinos do dirigente camponês Cleomar Rodrigues de Almeida



Manifestação combativa em repúdio ao assassinato do companheiro Cleomar bloqueia rodovia 135 sobre a ponte do Rio São Francisco na cidade de Pedras de Maria da Cruz, nov - 2014.

No dia 22 de outubro de 2024 completou-se 10 anos do infame e brutal assassinato por tocaia do companheiro Cleomar Rodrigues de Almeida, fundador e presidente da Associação Unidos com Deus Venceremos e dirigente da Liga dos Camponeses Pobres do Norte de Minas e Sul da Bahia.

No próximo dia 19 de fevereiro será realizado o Juri de Marcos Gusmão e Marco Aurélio, acusados do assassinato do companheiro Cleomar. Após 10 anos, nenhum mandante foi indiciado e os executores estão livres. Os mandantes são conhecidos latifundiários de Pedras de Maria da Cruz e do Norte de Minas. Estavam desesperados com o crescimento da luta pela terra e com a forte atuação da Liga dos Camponeses Pobres, e o companheiro Cleomar representava a ameaça da união dos camponeses, indígenas, quilombolas e ribeirinhos para conquistar a terra e destruir o latifúndio.

Toda a investigação policial e movimentação da “Justiça” em torno do assassinato do companheiro só ocorre para encobrir os latifundiários ladrões de terra, que fazem o que querem com seus bandos armados, e garantem impunidade, interferindo diretamente nos órgãos de poder desse velho Estado. Só querem garantir uma forma de tapar a boca da opinião pública, diante da comoção popular gerada pelo assassinato, e seguirem cometendo seus crimes. O INQUÉRITO POLICIAL, AS INVESTIGAÇÕES E O PROCESSO RELACIONADOS AO CASO SÃO

UMA FARSA, nem sequer citam o nome de Danilo Oliveira, investigador da polícia civil de Januária que ameaçou de morte, publicamente, várias vezes o companheiro Cleomar. Esse bandido atuava como guaxeba (capanga) na Fazenda Pedras de Maria. Toda a investigação policial foi realizada por quem acobertou esse assassino num inquérito montado para esconder o envolvimento de policiais civis e os verdadeiros mandantes, latifundiários da região que decidiram assassinar o companheiro no vão objetivo de parar a justa luta pela terra.

Os latifundiários pretenderam afogar em sangue a luta camponesa. Mas o sangue derramado do companheiro Cleomar germinou e graças ao seu exemplo, a área que agora leva o seu nome, completará 18 anos neste ano. As terras foram retomadas, parceladas e entregues às famílias camponesas. A memória do companheiro Cleomar seguirá atormentando esses bandidos assassinos que pagarão caro por seus crimes.

Não temos nenhuma ilusão que esse velho Estado que assassina os lutadores do povo fará qualquer justiça. Essa só pode se dar com o avanço da revolução agrária pela destruição do latifúndio. A luta pela terra segue firme porque é justa e uma necessidade histórica, política e econômica para o desenvolvimento do país, e cada vez mais se fortalece com a aliança operário-camponesa e é a única certeza para a construção de um Brasil Novo, para uma Verdadeira e Nova Democracia!

Companheiro Cleomar Rodrigues: Presente na luta!

18 anos de Resistência

Há 18 anos se iniciava a saga das famílias camponesas que hoje vivem na Área Revolucionária Cleomar Rodrigues. No ano de 2007, com apoio da Liga dos Camponeses Pobres, foi ocupada a fazenda Palmeirinha na cidade de Pedras de Maria da Cruz. Após vários enfrentamentos de seguidos despejos, onde as famílias tiveram seus barracos e pertences queimados, três acampamentos camponeses “Irmãos Coragem”, “Com Deus Venceremos” e “Unidos Venceremos”, resolveram se unir e enfrentar as ameaças do latifúndio com uma nova tomada, que veio a se conformar no Acampamento Unidos com Deus Venceremos e passou a ser coordenado pelo companheiro Cleomar Rodrigues que iniciava sua militância na luta pela terra.



Companheiro Cleomar com o grupo de produção coletiva da Área Unidos com Deus Venceremos

Após vários enfrentamentos, as famílias tiveram seus direitos como posseiros reconhecidos e o INCRA iniciou o processo de desapropriação das terras da Fazenda Pedras de Maria Agropecuária, abandonando a revelia este mesmo processo nos anos posteriores. Naquela ocasião, crescia a luta pela terra com novas tomadas por todo o Norte de Minas e Sul da Bahia, a agitação era grande e os latifundiários formaram grupos de pistoleiros e contrataram policiais para ameaçar os camponeses. O companheiro Cleomar convocava à união dos camponeses, indígenas, quilombolas e ribeirinhos e apoiou a conformação do território pesqueiro às margens e nas ilhas do Rio São Francisco, reconhecendo que o inimigo comum é o latifúndio grileiro e assassino e convocando as organizações a se unirem para tomar todas as terras do latifúndio.

Em Pedras de Maria da Cruz o latifúndio contou com apoio de políticos locais e com a conivência do Ministério Público, que havia recebido à época diversas denúncias, inclusive do próprio companheiro Cleomar que havia sido ameaçado de morte pelo policial civil Danilo Oliveira, de Januária. Os latifundiários

mandaram ameaçar e perseguir as lideranças, bloquear a estrada centenária na beira do rio, queimar barracos dos pescadores, espancar pescadores que encontrassem pelo caminho, tudo a luz do dia e por fim, premeditaram e executaram o assassinato do companheiro Cleomar, pois sob sua liderança e propaganda da Revolução Agrária, o povo se unia e se encorajava a seguir lutando.



Associação comunitária celebra 17 anos da área camponesa

Pelo sangue derramado do companheiro Cleomar

Em 2016, parte das terras da fazenda Pedras de São João foram retomadas, cortadas e entregues os lotes para todas as famílias que participaram da luta e em homenagem ao companheiro Cleomar, a nova área, recebeu o seu nome, Área Revolucionária Cleomar Rodrigues, mantendo o nome da Vila Unidos com Deus Venceremos. Desde então e mesmo com ameaças constantes, essas terras são trabalhadas pelos camponeses que produzem e sustentam suas famílias. O companheiro Cleomar derramou seu sangue para que isso ocorresse e sua memória é viva na disposição de luta que assombra os latifundiários.



Renovação do marco memorial em homenagem ao companheiro Cleomar - 2020

Unir camponeses, indígenas, quilombolas e ribeirinhos contra o latifúndio

Os latifundiários nunca desistiram de tentar expulsar os camponeses e destruir sua organização combativa. A novidade agora é que Walter Santana Arantes (latifundiário e empresário sócio do supermercado BH, ladrão de terras dos camponeses, grileiro de terras da União e devastador do meio natural e parques ambientais para criação de gado) o maior inimigo dos camponeses do Norte de Minas, que compra terra ocupada, usando de seus contatos no executivo e judiciário e de bandos de pistoleiros para fazer o seu serviço sujo, comprou as fazendas na “bacia das almas”, pois estavam embargadas por uma série de problemas jurídicos e políticos, entre eles o assassinato do companheiro Cleomar.



Companheiro Cleomar participa de manifestação em apoio aos quilombolas em São João da Ponte

Walter Santana Arantes usa um “laranja” do estado de Goiás, José Carlos Maichaki, para se apresentar como legítimo comprador e interessado em “negociar” com os camponeses, através do crédito fundiário. De repente, tenta se apresentar como um “cordeiro” que tem interesse apenas num canal de irrigação. No entanto, pretende construí-lo em cima das terras parceladas pelo Corte Popular e atravessar as terras dos companheiros ribeirinhos das Ilhas da Capivara, Mangueiras e outras, em troca de um endividamento dos camponeses por 25 anos e ao fim a expulsão de suas terras por inadimplência.

Após várias tentativas frustradas pelo latifúndio de enganar os camponeses ao final as famílias descobriram que tratava-se de um golpe para expulsá-las e se negaram a farsa do acordo. A partir daí entra em cena uma “Comissão de Solução dos Conflitos Fundiários – CSCF”, do governo Federal, no âmbito jurídico com o discurso de “resolver o conflito agrário pacificamente”, que precisavam “fazer um relatório diante de uma reintegração de posse”, que os camponeses “tinham que estar dispostos a negociar”. Apareceram na área querendo que as famílias da Área Revolucionária Cleomar Rodrigues recebessem, junto com representantes do Estado e judiciário, os próprios latifundiários. Com a atuação dessas comissões, o governo mantém sua política de apaziguamento com o latifúndio e a extrema-direita, enquanto enquadra as massas de que “ordem judicial

é para ser cumprida e pronto”. Os camponeses não aceitaram a presença do latifundiário, desmascarando essas comissões que estão atuando por todo o país e fazem parte da tática do governo para não fazer a reforma agrária, garantindo a expulsão dos camponeses.

Essas comissões procuram dividir os camponeses sob a chantagem de perderem tudo ou aceitarem um acordo lesivo, migalhas como uma autorização para usar parte das terras segundo a tutela do velho Estado, terras que os camponeses nunca serão donos, como são as TAUS – Termo de Autorização de Uso Sustentável. Nessas ditas concessões para uso sustentável, os camponeses não podem cercar e portanto não podem criar gado, não podem desmatar para plantar, não podem ampliar construções, não podem usar a água do rio para irrigação e portanto não são donos e continuam vivendo num cativo, cercados pelo latifúndio chamado de “empreendimento agrícola” que pode tudo.

Essa política compensatória, criada nos primeiros governo do PT e sua frente popular oportunista eleitoreira, representa a conciliação e perpetuação do sistema latifundiário e aprofunda a corporativização das massas camponesas. Essa política foi utilizada por lideranças oportunistas da CPP – Comissão Pastoral da Pesca por conveniência eleitoral na tentativa de dividir as massas e cooptar algumas lideranças para o seu projetinho egoísta, ao invés de unir as comunidades como fez o companheiro Cleomar e a Liga dos Camponeses Pobres para enfrentar as ameaças de despejo e os ataques do latifúndio, conclamando: Unir camponeses, indígenas, quilombolas e ribeirinhos!

O companheiro Cleomar enfrentou a deduragem de traíras na última audiência em que participou em 9 de outubro de 2014 e desmascarou essa política de corporativização do movimento camponês, política que serve ao latifúndio de jogar massas contra massas.



Companheiro Cleomar denuncia os crimes do latifúndio em audiência pública - out/2014

Cleomar Vive! Morte ao latifúndio!

Fica cada vez mais claro para os camponeses pobres desse país que a única solução para a conquista da terra é a Revolução Agrária que destruirá o latifúndio. Por um lado, encontramos a extrema direita que se arma em seus bandos, cada vez mais abertamente, por outro, um governo que já provou que não fará reforma agrária alguma, que faz vistas grossas conciliando com a extrema direita e os bandos armados do latifúndio.

Questão das mais importantes que o companheiro Cleomar nos deixou de herança foi a confiança e fé nas massas, que somente o povo em sua luta prolongada poderá constituir uma Verdadeira e Nova Democracia, com a luta revolucionária, a união dos pobres no campo e a aliança operário-camponesa, com mobilização, politização e organização do povo, contando com o decisivo apoio dos verdadeiros democratas da cidade, dos honestos e de bem!

É a Revolução Democrática, Agrária e Anti-imperialista, que é um processo longo e em curso, no qual em sua primeira etapa é aplicado o Programa Agrário de Defesa dos Direitos do Povo e seus três pilares: conquistar a terra, cortando e entregando aos camponeses sua parcela, estabelecendo novas relações de produção e novas relações políticas, sem exploração e sem opressão.

Por isso mesmo, exigir a punição dos assassinos covardes do companheiro Cleomar, mandantes e executores, é sustentar a luta pela terra, é se unir aos trabalhadores na cidade que lutam pelos seus direitos, é afirmar em alto e bom som que o companheiro Cleomar vive, morte ao latifúndio!



**“O risco que corre o pau, corre o machado,
Aqueles que mandam matar, também tem que morrer!”**